

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DISCURSO SIMBOLISTA NO BRASIL

Élcio Aloisio Fragoso¹

INTRODUÇÃO

Neste texto, faremos algumas considerações acerca do discurso simbolista no Brasil, relativamente à história das ideias linguísticas no Brasil, tendo como nosso referencial teórico-metodológico a Análise de Discurso de linha francesa, na perspectiva de Michel Pêcheux.

Pretenderemos, aqui, compreender o(s) sentido(s) do discurso simbolista brasileiro. Por que, em seus discursos, os poetas simbolistas recorreram ao intuitivo, ao sugestivo, ao subjetivo, ao misticismo, ao espiritualismo, ao sonho, ao inconsciente, à religiosidade, à musicalidade, etc.? Qual a justificativa para isso?

Sabemos que o Simbolismo constituiu um discurso, relativo à literatura², produzido no final do século XIX, em que seus autores imprimiam em suas obras (por meio de uma linguagem poética que se manifestava na musicalidade/sonoridade, na sinestesia, na sugestão sensorial, etc.)³ um certo descontentamento, em relação à visão de mundo científica/positivista defendida pelo discurso realista/naturalista, na prosa e pelo discurso parnasiano, na poesia.

¹ Doutor em Linguística, com ênfase em Análise de Discurso, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Departamento de Línguas Vernáculas. E-mail para contato: elciofragoso@unir.br.

² Em nossos trabalhos, concebemos a literatura em sua articulação à língua, que intervém na relação entre a língua, o sujeito e o Estado (FRAGOSO, 2001, p. 43).

³ De nosso ponto de vista, não ficaremos na evidência do sentido poético, instituído pelo discurso literário, uma vez que não entendemos a linguagem literária como sendo inerente a este discurso, ou seja, que nasce com ele, mas sim enquanto um efeito de sentido produzido pelo funcionamento ideológico deste discurso (o discurso literário). O discurso literário sustenta o efeito de sentido literário em seu funcionamento próprio.

Como este discurso significava a nossa língua, a nossa literatura, o cidadão brasileiro e a sociedade brasileira que estava se constituindo com o advento da Proclamação da República (sua implementação)? O que este acontecimento representou em termos de constituição de uma cidadania brasileira? Qual o sentido de cidadania que vemos funcionando no discurso simbolista brasileiro?

O discurso simbolista brasileiro deslocava sentidos para nossa sociedade que era significada, neste discurso, como não tendo um referente constituído e instituído. Um dos efeitos de sentido mais interessantes, produzido pelo discurso simbolista brasileiro consiste em evidenciá-lo como não tendo relação nenhuma com o social, com o histórico. Seria uma espécie de discurso em que não existiria uma conjuntura histórica. Um acontecimento sem história, sem memória. Este efeito está evidenciado no fato de que o discurso simbolista brasileiro definiu-se pelo isolamento do autor da sociedade em que ele está inserido, bem como por este discurso recorrer ao espiritual, ao místico, ao transcendental, ao subconsciente, ao existencial, etc. Esses sentidos aparecem como evidentes nas produções de nossos autores simbolistas.

Entretanto, essa transparência precisa ser desfeita, quando se propõe uma análise, do ponto de vista discursivo, que introduz conceitos como: história, ideologia, sujeito, língua, memória discursiva, entre outros. Portanto, buscaremos compreender esse efeito de sentido produzido por este discurso, a fim de descrever o funcionamento da ideologia nas práticas sociais do final do século XIX. O discurso simbolista brasileiro como um todo se constituiu sob o efeito de um discurso sem referente. Como explicar isso? Que fenômeno linguístico-discursivo é este?

A FORMA MATERIAL DO ESTILO LITERÁRIO SIMBOLISTA BRASILEIRO

A seguir, faremos uma breve explanação das condições de produção, no sentido mais geral, do discurso simbolista. Mas não ficaremos nessa relação lógica entre os fatos históricos e a forma material do estilo literário simbolista.

Para nós, “o discurso não é um reflexo da situação, nem está mecanicamente determinado por ela” (ORLANDI, 2012, p. 73).

O advento da Segunda Revolução Industrial reclamou transformações urgentes nas civilizações europeias que, consequentemente, tiveram que modificar a sua organização social, econômica e política. Ou seja, com o progresso científico e tecnológico nascia também a emergência da formação de um pensamento voltado para os benefícios que essa revolução trazia consigo. Portanto, pensava-se que esses avanços científicos e tecnológicos resolveriam os problemas da humanidade, ou promoveriam o seu crescimento e o seu progresso. Temos, então, a instalação da filosofia positivista como decorrência do discurso científico/tecnológico. Não se tratava de uma relação de causa e consequência entre este acontecimento da Segunda Revolução Industrial e a forma de organização social que resultou a partir dele. De nossa perspectiva, queremos entender como este acontecimento significou a organização social e de qual forma.

Por outro lado, com a instalação desse pensamento científico-tecnológico nas civilizações europeias (o científico como instrumento de dominação)⁴ surge também o interesse destas em novos mercados (consumidores e produtores de matéria-prima) e de estender os seus domínios ao resto do mundo (África e Ásia). A industrialização levou as nações europeias à concorrência econômica. Porém, o pensamento em alargar os seus domínios e em lucrar com fontes primárias, acaba desencadeando a Primeira Guerra Mundial, ou seja, essas buscas iniciadas pelas civilizações industriais europeias pelo mundo africano e asiático determinaram o acontecimento da Primeira Guerra Mundial.

Esse processo científico e tecnológico (essa forma de significar a sociedade), advindo da Revolução Industrial, que, como já dissemos, determinou uma nova ordem para o pensamento social, vai conduzir também

⁴ Estamos interpretando esse acontecimento da forma como Pêcheux (1994, p. 56) nos propõe uma reflexão acerca da evidência que recobre o abismo (o distanciamento) criado entre a cultura literária e a científica, ao longo de toda uma história das ideias que vai do século XVIII ao século XX.

para uma nova divisão social, ou seja, a divisão social que é instaurada pelo capitalismo: a classe burguesa x a classe proletária, o dominante x o dominado, o rico x o pobre, a elite x a maioria da população (classe média e proletariado), os empreendedores capitalistas x a classe trabalhadora, etc. Com o progresso industrial vai surgir uma nova classe dominadora: a burguesia industrial (a elite dirigente).

Desse modo, o final do século XIX é marcado por essa “tensão” provocada pelos efeitos de sentido produzidos por este discurso científico-tecnológico, pois as transformações decorrentes desse acontecimento discursivo, que exigia uma mudança em relação ao modo de pensar e viver (a instalação de um pensamento/sentido sustentado na esperança positivista e nas promessas de bem-estar social), confrontaram-se com outras posições que defendiam outro ponto de vista em relação à compreensão deste discurso científico-tecnológico. Sentidos estes que têm sua constituição em outro lugar, em outra(s) formação(ões) discursiva(s)⁵. Dessa forma, entram outros sentidos em circulação que levam à intranquilidade, ao pessimismo, ao niilismo, ao cansaço, à depressão, à crise, etc., visto que problemas sociais como a miséria e as doenças aumentavam.

O discurso simbolista ocorreu paralelamente ao discurso que dominou toda essa época, o discurso técnico-científico que despontava como o discurso que “realizaria” a humanidade.

Era o final de um século, e por isso mesmo o medo de que o mundo fosse acabar, as angústias, o misticismo, a religiosidade, etc., eram sentidos retomados pelos sujeitos através de uma memória discursiva.

O pensamento filosófico de Schopenhauer, expresso, sobretudo, na obra “O mundo como vontade e representação”⁶ (1819), a “Filosofia do inconsciente”

⁵ Segundo Orlandi, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 2012, p. 77).

⁶ “Concluo aqui a segunda parte capital da minha exposição na esperança de que (...) terei logrado comunicar a certeza distinta de que este mundo, no qual vivemos e existimos, é,

(1869), de Eduardo Von Hartmann, a teoria fisiológica da música (1863), de Helmotz, as ideias de Wagner acerca da fusão das artes, a Física de Einstein e, posteriormente, as ideias de Bergson acerca da “intuição” e da oposição dos tempos psicológico e cronológico vão marcar, singularmente, o discurso simbolista.

Também as produções de Freud (1899/1900, 1905), relativas à descoberta pelo “eu” nas zonas mais profundas que habita o ser: o inconsciente e o subconsciente e às relativas ao sonho, constituem referências para a produção do discurso simbolista.

Tendo em vista estes elementos históricos, queremos compreender a perspectiva defendida pelo discurso simbolista e o porquê dessa tomada de posição e não outra.

Podemos afirmar, então, que foram estas as condições que permitiram a produção do discurso simbolista. Um discurso, cujo sentido, apoia-se na religiosidade, no misticismo, no espiritualismo, no subjetivismo, no sonho, etc.

Para nós, o sentido defendido pelo discurso simbolista resulta das ideias decorrentes daquela época. Ressaltamos que a constituição das ideias em uma determinada época não resulta de fatores lógicos, de uma relação em que o histórico entraria como moldura ou contorno para a “criação” de ideias. De nossa perspectiva, a constituição das ideias envolve fatores ideológicos e históricos que são determinantes das práticas teóricas, próprias de uma formação social.

Nesse sentido, o discurso simbolista tem uma espessura histórico/temporal, passível de ser descrita, isto é, não se trata de um sentido que é inerente ao próprio discurso. Este discurso, portanto, não está vinculado à ideia do vago, da essência, do transcendental, etc., como tendo origem nele mesmo, como sendo próprio dele (do discurso simbolista). Estamos afirmando que o sentido do discurso simbolista não deve ser procurado nele mesmo (o sentido sendo ele mesmo). Segundo o que pensamos, é preciso procurar

segundo toda a sua natureza, absolutamente VONTADE e absolutamente REPRESENTAÇÃO”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 228).

entender o porquê de um sentido e não outro, ou seja, deve-se procurar saber por que se diz uma coisa e não outra. É por isso que entendemos que é necessário alargar a nossa compreensão acerca de um certo objeto.

O que pretendemos com esta análise é mostrar as filiações discursivas assumidas pelo discurso simbolista para compreender o que é dito neste discurso.

Os autores simbolistas brasileiros produziram suas obras (seus discursos) a partir de um gesto de interpretação de caráter ideológico. Não há sentido sem interpretação e não há interpretação sem a presença da ideologia (ORLANDI, 1996, p. 84).

O momento histórico em que este acontecimento discursivo irrompeu conta decisivamente na compreensão do acontecimento em si mesmo. Pensamos que é preciso apontar às relações para chegarmos ao(s) sentido(s) de um determinado discurso. Portanto, para compreender o(s) sentido(s) do discurso simbolista, tivemos que nos perguntar, primeiramente, o que estava sendo dito nestas produções e o momento histórico em que isto foi feito, a fim de que pudéssemos “ouvir” os motivos que estavam funcionando através desse discurso.

Estamos diante de um acontecimento linguístico-discursivo que fez “estremecer”/“vibrar” a língua, trabalhando a sua própria materialidade, que fez significar esta materialidade significante, em outras palavras, que expôs o real da língua (PÊCHEUX, 2002, p. 51).

Dessa perspectiva, o discurso simbolista, tendo em vista o momento histórico em que foi produzido, deu visibilidade para sentidos específicos, como o de religiosidade, espiritualidade, subjetividade, etc. Estes sentidos foram silenciados pelo discurso científico-tecnológico predominante nesta época. Não acreditamos que estes sentidos “nasceram” na cabeça dos autores simbolistas, temos aí processos de significação em que conta a posição assumida pelo sujeito do discurso para a construção do significado.

Certamente que estes sentidos têm suas singularidades. Não se trata de uma religiosidade qualquer, ou de uma subjetividade aparentemente igual à de uma outra época. É nesse ponto que entendemos que as teorias que sustentaram o discurso simbolista se relacionam, constituindo suas filiações discursivas específicas. Por exemplo, a subjetividade pretendida pelo discurso simbolista fundamentava-se na busca do próprio eu (do mundo interior, que é invisível e impalpável), do desconhecido, da essência do ser humano, do inconsciente, do subconsciente. No caso, o que pretendemos mostrar é a singularidade do discurso simbolista brasileiro, relativamente à história da língua no Brasil, é este o recorte que estamos fazendo neste trabalho. Qual a singularidade deste discurso, em relação à constituição de uma língua/literatura no Brasil e que efeitos de sentidos estão em jogo nesse processo histórico de construção de nossa cidadania, nossa identidade?

CONCLUSÃO

Para concluir, ressaltaremos (e retomaremos) alguns pontos decisivos que foram discutidos neste texto, acerca de nosso objeto de estudo, a saber: o discurso simbolista brasileiro.

Procuramos compreender o funcionamento deste discurso relativamente à constituição da história das ideias linguísticas no Brasil e verificamos que este discurso, no seu modo mesmo de (se) significar, realizou deslocamentos de sentidos no que se refere à construção da singularidade/individualidade da nossa língua. Este discurso construía uma língua cujo referente encontrava-se no interior do próprio falante desta língua, isto é, este discurso, ao buscar “expressar” a nossa “interioridade”, o nosso “eu”, a nossa “essência”, a nossa “espiritualidade”, construía uma língua que “expressava” a nossa “natureza humana”, as nossas “angústias”, frente aos nossos problemas sócio-políticos do final do século XIX. Entretanto, observamos que o cidadão brasileiro se significava numa relação com a nossa “constituição humana”, a nossa “essência humana” e não social. Este foi o efeito de língua nacional que pudemos observar com a análise que empreendemos acerca do discurso

simbolista brasileiro. Essa nossa língua “refletia” a complexidade de “expressar” a nossa “essência”, o nosso “lado humano”, o “espiritual”, e, resulta disso, o apelo à valorização da materialidade significante em detrimento do significado na produção de sentidos para esta língua (a nacional), sentidos estes que se filiam à teoria filosófica de Schopenhauer (1819), bem como às descobertas de Freud (1899/1900, 1905) acerca do inconsciente. Essa nossa análise mostrou a construção de uma língua na sua articulação à literatura em território nacional, na conjuntura histórica de produção do discurso simbolista brasileiro.

Este discurso, de nossa perspectiva, explicitou a relação constitutiva em que se deu a construção de uma sociedade, e de suas instituições, do Estado, do sujeito em um dado momento histórico, o final do século XIX e início do século XX, no Brasil.

Outra noção que problematizamos neste texto foi a de estilo, à luz da Análise de Discurso materialista. Por estilo, entendemos a forma como se trabalha a língua, discursiva e historicamente falando, para produzir efeitos de sentidos sobre ela mesma (FRAGOSO, 2001, p. 36). Pela noção de estilo, pudemos compreender a forma como o discurso simbolista brasileiro (enquanto um processo discursivo) trabalhou a língua portuguesa produzindo efeitos de sentido próprios à nossa individualidade, pensando essa relação constitutiva entre língua, sociedade, discurso, sujeito, Estado e identidade.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.

FRAGOSO, É. A. *A relação entre língua (escrita) e literatura (escritura) na perspectiva da história da língua no Brasil*. Dissertação de mestrado, Campinas, SP: IEL-UNICAMP, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente – Vol. VIII. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e a análise do Ego. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

LACAN, J. *A instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Conferência proferida em 1955 (original publicado em 1957).

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José J. de Campos da Costa. *Pecados*. Rio de Janeiro: Papelaria Parisiense, 1889.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico – para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. P. (Org.). *Discurso e políticas públicas urbanas – a fabricação do consenso*. Campinas, Editora RG, 2010.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 1990.

PÊCHEUX, M. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, E. P. (org.) [et al.]. *Gestos de leitura – da história no discurso*. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et al.], Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. *Língua, nação e nacionalismo – um estudo sobre o Guarani no Paraguai*. Tese de Doutorado, Campinas: IEL-UNICAMP, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005 (original publicado em 1819).

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SOUSA, Cruz e. *Poesias completas de Cruz e Sousa: Broquéis, Faróis e Últimos Sonetos*. São Paulo: Ediouro, 2002.